

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Direito e Ciências do Estado

Bacharelado em Ciências do Estado

Gabrielle Caroline Feliciano

**CARLOS MARIGHELLA E RACIONAIS MC'S: faces de um Brasil ambivalente à luz
de Homi Bhabha**

Belo Horizonte

2025

Gabrielle Caroline Feliciano

**CARLOS MARIGHELLA E RACIONAIS MC'S: faces de um Brasil ambivalente à luz
de Homi Bhabha**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Ciências do Estado da
Universidade Federal de Minas Gerais, como
requisito parcial para o grau de bacharel em
Ciências do Estado.

Orientadora: Professora Doutora Maria
Fernanda Salcedo Repolês.

Belo Horizonte

2025



FACULDADE DE DIREITO UFMG - CIÊNCIAS DO ESTADO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ATA DE DEFESA

No 07 dia do mês de Novembro do ano de 2025, o/a discente Gabrielle Caroline Feliciano, matriculado (a) sob o número de Registro Acadêmico 2022002193, defendeu o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Carlos Marighella e Racionais MGS: "fases de um Brasil ambivalente à luz de Homi Bhabha", tendo obtido a média 100 (Cem).
Participaram da banca examinadora os membros abaixo indicados, que, por nada mais terem a declarar, assinam e datam a presente ata, a ser arquivada na pasta do (a) discente.

Belo Horizonte, 07 de 11 de 2025

Orientador: Maria Fernanda Sales, Nota 100 (Cem)

Examinador: Marcelo Henrique Pinto, Nota 100 (Cem)

Examinador: Luisa Andrade de Araujo, Nota 100 (Cem)

Em memória a todos aqueles que lutaram pela liberdade e pelos direitos que atualmente podemos usufruir...

À música por dar sentido à vida e aos que tiveram sua trajetória de resistência apagada da história...

AGRADECIMENTOS

Agradeço, especialmente, à minha mãe pelo amor incondicional, pela força de me gerar, criar e sempre me impulsionar a sonhar e a realizar as minhas aspirações, a ela que nunca deixou que eu duvidasse da minha capacidade.

Agradeço ao meu pai que sempre apoiou meus sonhos e foi meu alicerce durante minha trajetória de vida.

Agradeço à minha irmã mais velha que me mostrou que tudo era possível e nunca deixou de acreditar no meu potencial.

Agradeço à minha irmã mais nova que nasceu como luz para a minha vida.

Agradeço ao meu tio que foi um exemplo de conquista e por sua exigência com meus estudos.

Agradeço à minha falecida tia que sempre me impulsionou a sonhar alto e que tristemente não poderá presenciar a realização dessa conquista.

Agradeço às minhas avós que, em razão de sua força, fui capaz de ser. Aos meus antepassados que possibilitaram minha existência.

Agradeço aos demais familiares e amigos que, de alguma maneira, foram meu apoio durante minha jornada acadêmica e que foram capazes de me alegrar mesmo quando me senti sozinha por estar a quilômetros de distância da minha família.

Agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Maria Fernanda Salcedo Repolês, por expandir minha visão de mundo mediante as aulas de Cidadania Cultural e, posteriormente, ser ponto central no esclarecimento da abstração do protótipo que inicialmente era esta pesquisa.

Agradeço, por fim, à Universidade Federal de Minas Gerais, por me possibilitar vivenciar a sua expressão de fundação e *incipit vita nova*.

Você está entrando no mundo da informação, autoconhecimento,
denúncia e diversão
Esse é o Raio-X do Brasil, seja bem-vindo
(Racionais MC's, Introdução, 1993).

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) propõe-se a analisar como os discursos e as trajetórias de Carlos Marighella e do grupo musical Racionais MC's contribuem para a delinearção da memória e atuam como “protótipos antagônicos” perante o Estado brasileiro. O estudo se fundamenta na teoria do crítico indo-britânico Homi Bhabha, utilizando os conceitos de narrativa pedagógica e narrativa performativa, buscando investigar como a ideia de nação é sistematizada por um discurso oficial que exclui narrativas subalternas. Para isso, a pesquisa examina a arte por meio da música “Mil Faces de um Homem Leal (Marighella)” dos Racionais MC's e o poema “Liberdade” de Marighella. A produção poética de Marighella é observada como uma literatura de testemunho, considerando as ponderações de Wilberth Salgueiro e Márcio Seligmann-Silva sobre esse gênero literário que se caracteriza como uma forma de documentação crítica dos traumas, opressões e mazelas históricas. Metodologicamente, a pesquisa foi conduzida com uma abordagem analítico-reflexiva de natureza teórico-bibliográfica, sendo o processo de raciocínio predominantemente analítico, tanto de discurso quanto literário, utilizando como material a música dos Racionais MC's e o poema de Marighella, e baseando-se nas concepções de Homi Bhabha sobre a ambivalência da nação. A pesquisa focou na análise do contexto histórico e artístico que envolve Marighella e os Racionais MC's, examinando como suas experiências refletem e reagem às violências do Estado brasileiro e, paralelamente, investigou como a literatura de testemunho e a música são cruciais na reinterpretação da história e na (re)construção de identidades. Em seus resultados e conclusão, o estudo concluiu que a arte e a vivência de Marighella e dos Racionais MC's atuam como instrumentos de rememoração e resistência. Suas narrativas, ao reproduzirem suas convicções mediante a arte, rompem o efeito pedagógico de falseamento da história e perpetuam o conceito performativo, que resgata os elementos de subjetivação, desmentindo as narrativas oficiais. As trajetórias de ambos se encontram no "entre-lugar" da nação, onde a arte se torna uma arma de politização, sensibilização e autoconhecimento sobre o enredo sofredor da sociedade brasileira. Em síntese, o trabalho buscou destacar a relevância das narrativas de Marighella e dos Racionais MC's na luta contra o esquecimento das narrativas dos excluídos que não apenas preservam a memória, mas também promovem uma reflexão crítica sobre a sociedade brasileira e suas complexidades.

Palavras-chave: memória; narrativa performativa; Carlos Marighella; Racionais MC's; Homi Bhabha.

ABSTRACT

This Final Paper proposes to analyze how the discourses and trajectories of Carlos Marighella and the musical group Racionais MC's contribute to the delineation of memory and act as 'antagonistic prototypes' before the Brazilian State. The study is grounded in the theory of the Indo-British critic Homi Bhabha, utilizing the concepts of pedagogical narrative and performative narrative, thereby seeking to investigate how the idea of nation is systematized by an official discourse that excludes subaltern narratives. To this end, the research examines artistic production through the song 'Mil Faces de um Homem Leal (Marighella)' by Racionais MC's and the poem 'Liberdade' (Freedom) by Marighella. Marighella's poetic production is observed as testimonial literature, considering the reflections of Wilberth Salgueiro and Márcio Seligmann-Silva on this literary genre, which is characterized as a form of critical documentation of historical traumas, oppressions, and woes. Methodologically, the research was conducted with an analytical-reflective approach of a theoretical-bibliographical nature, with the reasoning process being predominantly analytical, encompassing both discourse and literary analysis. The material utilized included the music of Racionais MC's and Marighella's poem, grounded in Homi Bhabha's conceptions of the ambivalence of the nation. The research focused on analyzing the historical and artistic context involving Marighella and Racionais MC's, examining how their experiences reflect and react to the violence of the Brazilian State and, concurrently, investigated how testimonial literature and music are crucial in the reinterpretation of history and the reconstruction of identities. In its results and conclusion, the study concluded that the art and life experiences of Marighella and Racionais MC's act as instruments of remembrance and resistance. Their narratives, by reproducing their convictions through artistic expression, break the pedagogical effect of historical falsification and perpetuate the performative concept, which rescues elements of subjectivation, thereby disproving official narratives. The trajectories of both converge in the 'third space' of the nation, where art becomes a weapon of politicization, awareness, and self-knowledge regarding the suffering narrative of Brazilian society. In summary, the paper sought to highlight the relevance of the narratives of Marighella and Racionais MC's in the fight against the forgetting of the narratives of the excluded, which not only preserve memory but also promote a critical reflection on Brazilian society and its complexities.

Keywords: memory; performative narrative; Carlos Marighella; Racionais MC's; Homi Bhabha.

REFERENCIAL ARTÍSTICO

Música 1 - Introdução - Racionais MC's (Raio X do Brasil, 1993).....	22, 33
Música 2 - Mil Faces de um Homem Leal (Marighella) - Racionais MC's (2013).....	12, 25-32, 34
Música 3 - Terceiro Mundo - Febem (Brime!, 2020).....	18, 21
Música 4 - No Brooklin - Sabotage (Rap É Compromisso, 2014).....	21
Música 5 - Pra Não Dizer Que Não Falei das Flores - Geraldo Vandré (1968).....	30
Música 6 - Capítulo 4, Versículo 3 - Racionais MC's (Sobrevivendo no Inferno, 1993).....	35
Música 7 - Da Ponte Pra Cá - Racionais MC's (Nada Como Um Dia Após o Outro Dia (Disco 2: Ri Depois), 2002).....	37
Poema 1 - Liberdade - Carlos Marighella (1939).....	12,17-18,32
Poema 2 - Rondó da liberdade - Carlos Marighella (1939).....	17

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 CARLOS MARIGHELLA, POETA TESTEMUNHAL DO TERCEIRO MUNDO....	13
2.1 Liberdade (1939).....	17
2.2 Terceiro Mundo, Fábrica de Marighella.....	18
3 RACIONAIS MC'S: CÉLEBRES MALANDROS, CÉREBROS BRILHANTES.....	22
3.1 Mil Faces de um Homem Leal (Marighella).....	25
3.2 O local da música de um povo heróico, o brado retumbante.....	32
3.3 Um Brasil ambivalente, entre a narrativa pedagógica e a performativa.....	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa científica visou aproximar Carlos Marighella e Racionais MC's enquanto analisou como seus discursos contribuíram e contribuem com a delinearção da memória, outrossim ponderando sobre o papel de ambos como protótipos antagônicos perante seu respectivo contexto histórico. Ao passo que, concomitantemente, buscou-se estudar a reação desses corpos diante do Estado, o modo como ultrapassam as barreiras da violência e passam a reagir, cada um de sua forma, mas todos com um originador comum, o Estado brasileiro, seja ele no período ditatorial ou de redemocratização.

À medida que alguns testemunham sobre importantes questões apagadas da história através do rap, outros causam pânico ao invadir uma transmissora da Rádio Nacional em 1969 como forma de resistência. Independente de suas características divergentes, ambos já foram vistos com um olhar negativo pelo Estado brasileiro, o qual repetidamente tentou eliminá-los, uma vez que a mera existência de seres insubmissos e influentes foi e é uma ameaça ao poder vigente que se beneficia daqueles que se conformam e não ousam reagir às demasiadas injustiças cometidas.

Em meio a uma guerra de narrativas e tensões políticas, a literatura de testemunho utilizada por Carlos Marighella em seus poemas e avivada pelos Racionais MC's através da música se põe como instrumento de elucidação da população em face da violência externada pelo racismo e pela letalidade policial que constantemente são mascaradas. A reprodução de suas convicções mediante a arte rompe o efeito pedagógico de falseamento da história e perpetua o conceito performativo, que resgata os elementos de subjetivação, desmentindo as narrativas anteriormente criadas (Bhabha, 2013).

A pesquisa em questão indagou, como problemática central, de que modo a ideia de nação no Brasil é sistematizada a partir de um discurso oficial, que tem como principal característica a exclusão e distorção de narrativas subalternas, essas que caem muitas vezes em um limbo memorial da população, além de investigar a arte e a literatura, mais especificamente a música e o poema, como instrumentos de contraposição da força da diegese estruturante hegemônica mediante as figuras de Racionais MC's e Carlos Marighella.

Carlos Marighella defrontou uma forma distinta de truculência policial em meio a um regime de censura severa que não possibilitava a disseminação de seus ideais sem que ocorressem represálias. A luta armada e ações por intermédio da ilegalidade foram os recursos

possíveis em sua época considerando o contexto da Ditadura Militar (1964-1985) para resistir e se contrapor à violência perpetrada pelo Estado. Por outro ângulo, os Racionais MC's se deslocam pelo regime do Estado Democrático de Direito, que confere a liberdade da utilização de recursos, como a música, para expor sua contranarrativa, ainda que mantenha a violência institucional herdada do período ditatorial.

Embora a trajetória de ambos percorra diferentes faces de um Brasil ambivalente, elas não se excluem, pois, independentemente das mudanças e avanços obtidos, a história das mazelas vividas e violências perpetuadas deixaram e deixam rastros cravados nas engrenagens do país, que muitas vezes não se mantiveram de forma natural, mas, sim, mediante esforço sistêmico para sua preservação. Dessarte, os Racionais MC's e Carlos Marighella se conectam por meio da luta contestatória frente ao Estado brasileiro e, através de sua junção, a memória sepultada é reavivada e fortalecida.

Analizar a importância e a vivência lírica de dois ilustres protagonistas na elucidação e crítica do sistema brasileiro, parafraseando Mano Brown (Racionais MC's, 2012), “encarnações de célebres malandros, de cérebros brilhantes”, torna-se necessário, em especial quando se identifica que o Estado detém o poder de estruturar as visões de mundo da sociedade, ou seja, aos cidadãos é projetada e construída uma ótica sobre o significado das coisas (Bourdieu, 1997, *apud* Shammas, 2018). Significado esse que não é necessariamente fundamentado e fiel à história vivenciada, pelo contrário, é o resultado de uma fabricação, um roteiro moldado e assimilado por um consenso da maioria.

Para Homi Bhabha (2013), o processo de assimilação desse panorama confeccionado se institui mediante o ensino ao pertencimento a partir de narrativas e símbolos que visam conquistar um efeito aglutinador na população ao se utilizar do falseamento e embelezamento dos acontecimentos. Como consequência desse processo, que Bhabha nomeia como narrativa pedagógica, gera-se uma concepção ambivalente de nação, que causa não somente uma dualidade de narrativas, como também uma cisão entre as narrativas e as experiências.

Diante do exposto, essa pesquisa científica se fundamentou não unicamente em sua importância por si, como também em sua relevância analítica e explanatória da diegese compulsoriamente naturalizada na sociedade brasileira. Além da ponderação sobre narrativas que resistem e persistem às incessantes tentativas de apagamento e distorção, ao instrumentalizar a literatura e a música como meios de narrar o presente e remontar a memória de trajetórias outrora excluídas e deturpadas. Posto isso, tem-se como objeto de

análise a música e o clipe dos Racionais MC's, lançados, respectivamente, no ano de 2012 e 2013, pertencentes à obra intitulada “Mil Faces de um Homem Leal (Marighella)”.

A monografia em questão teve como objetivo geral analisar como, apesar das inúmeras tentativas de apagamento do histórico de violências cometidas pelo Estado, alguns exemplares fogem do padrão desejado e produzido por ele. Esses indivíduos contrastantes da prevalência omissa, contudo, concomitantemente defluentes das ações e inações do Estado brasileiro, desenvolvem-se e reagem ao seu poder e, por meio da literatura de testemunho, quebram as barreiras e performam a experiência e história repulsada, assim, evocando a memória.

Ademais, essa monografia pretende: (i) explanar a ocorrência da violência e o silenciamento no Brasil de forma delimitada ao contexto dos Racionais MC's e do clipe sobre Marighella; (ii) analisar o clima perpetuado após o processo de redemocratização e a importância dos Racionais MC's na quebra da sublimidade da restauração da democracia; (iii) definir, de acordo com Homi Bhabha, o efeito pedagógico e performativo e ponderar sobre como ambas as narrativas são expressas na sociedade brasileira; (iv) apresentar o conceito de literatura de testemunho e examiná-lo por meio de Marighella; (v) explanar a importância da memória e explorá-la mediante o contexto exposto; e (vi) aproximar os contextos históricos, semelhanças e diferenças na trajetória de Carlos Marighella e dos Racionais MC's.

No tocante à metodologia na qual esta pesquisa foi conduzida, optou-se pela abordagem analítico-reflexiva. O processo de raciocínio aplicado preeminente nesta monografia foi de natureza analítica, tanto de discurso quanto literária. Nesse caminho, selecionou-se como material de análise o contexto histórico e artístico ao redor da obra “Mil Faces de um Homem Leal (Marighella)” de Racionais MC's, além de realizar uma aproximação com o traço abscondido de Marighella como poeta, mais especificamente sua autoria intitulada “Liberdade”. Para mais, em relação ao gênero, baseou-se no tipo de pesquisa teórica-bibliográfica.

Sendo assim, para fins reflexivos sobre o discurso e as narrativas, inspirou-se nas concepções de Homi Bhabha, o qual expõe uma concepção ambivalente de nação, no que se refere a uma dualidade entre a narrativa pedagógica e performativa. Segundo Bhabha (2013), a narrativa pedagógica hegemônica teria como principal ideal a indução ao sentimento de pertencimento, a fim de esconder as histórias de violência. Entretanto, essa prática resultaria

na cisão de experiência, causando não somente uma confusão de narrativas entre o ideal e o real, mas também um efeito de esvaziamento no conceito de povo.

Por outro lado, a narrativa performativa busca criticar as cisões entre nação e povo, a começar da revelação do apagamento das narrativas dos excluídos, tendo como finalidade central o resgate dos elementos de subjetivação, os quais definem como uma pessoa se torna sujeito, confrontando o exercício de poder, que é o esquecimento das histórias, ao mesmo tempo que desmente a narrativa pedagógica imposta, dado que, ao encontrar a narrativa dos excluídos e compartilhá-la de forma pedagógica, o efeito performativo irá modificar totalmente o efeito pedagógico.

Em outras palavras, Bhabha (2013) procura denunciar que a cisão entre as narrativas e as experiências possui efeitos políticos, visto que, ao se implantar uma narrativa pedagógica, muitas histórias não são contadas oficialmente. Todavia, a narrativa dos excluídos pode ser vista e ouvida na literatura, nas artes e nas histórias do cotidiano.

Ademais, a respeito da ponderação literária, guia-se pelas percepções de Wilberth Salgueiro (2015) e Márcio Seligmann-Silva (2002) sobre a literatura de testemunho, um gênero literário proveniente de contextos de traumas, opressões e mazelas históricas que possibilita a expressão da voz dos sobreviventes de eras catastróficas e violentas, enquanto assiste como instrumento de compilação e registros desses eventos vivenciados. A literatura de testemunho se posiciona como recurso primordial para a preservação da memória coletiva, ao mesmo tempo que exerce um papel de resistência e ponderação crítica sobre o passado. Além disso, esse gênero literário se caracteriza pela necessidade de documentar as experiências de injustiças vividas não somente para que elas não sejam esquecidas, mas também para desafiar as fronteiras entre a indizibilidade e a irrepresentabilidade.

2 CARLOS MARIGHELLA, POETA TESTEMUNHAL DO TERCEIRO MUNDO

Em 05 de dezembro de 1911, o casal Augusto Marighella e Maria Rita, residentes do Município de Salvador, no Estado da Bahia, deram boas-vindas ao primogênito de seus 08 filhos (Moraes, 2022). Do amor entre um imigrante italiano e uma mulher negra, baiana, neta de escravizados africanos, nasce o menino que, posteriormente, em sua vida adulta, chegaria a ser considerado o inimigo número um do Brasil ditatorial (Moraes, 2022), Carlos Marighella. Guerrilheiro, poeta, militante comunista, Deputado Federal, pai, homem brasileiro, mártir, mito entre outras demais faces, a figura de Marighella, muitas vezes descrita como

controversa, é o retrato de um homem sonhador que não se conformava com a bruta realidade de violências incessantes, tampouco temia as possíveis consequências da busca pela liberdade.

Em vida, Carlos Marighella perpassou tanto o autoritarismo do Estado Novo (1937-1945) quanto os anos iniciais da Ditadura Militar (1964-1985). A afeição política de Marighella iniciou durante sua juventude, fortemente influenciada pelos ideais políticos de sua família na luta dos trabalhadores (Moraes, 2022). Juntamente, surgiu seu apreço pela composição de poemas. No decorrer de sua história, o guerrilheiro foi preso quatro vezes, sendo a primeira em 1932, na Bahia (Moraes, 2022). Entretanto, há controvérsias sobre a causa de sua prisão, pois certas informações afirmam (*Memórias da Ditadura*, [s. d.]) que ele foi detido em razão de um poema escrito como crítica ao interventor federal nomeado por Getúlio Vargas (1882-1954), Juracy Magalhães (1905-2001), porém também há declarações (Magalhães, 2014) de que o poema foi escrito por Marighella durante o tempo que já estava preso.

Segundo Moraes (2022), foi em 1934 que Marighella se filiou ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), o qual possuía como um de seus dirigentes Luís Carlos Prestes (1898-1990), militar e político comunista central na história do Brasil do século XX. Adiante, em 1936, se mudou para o Rio de Janeiro (RJ) e, no dia 1º de maio do mesmo ano, no governo de Getúlio Vargas, o militante baiano foi preso por subversão e torturado (Moraes, 2022), sendo libertado apenas no ano seguinte. Em liberdade, Marighella se mudou para São Paulo (SP), onde passou a integrar o Comitê Estadual de São Paulo do partido e foi brevemente preso novamente por subversão em 1939 e detido por seis anos, ao passo que conquistou a liberdade somente em 1945, com o fim do Estado Novo (Moraes, 2022).

Entre o término do Estado Novo em 1945 e o início da Ditadura Militar em 1964, o Brasil passa por um rápido período, no qual alguns direitos democráticos foram restituídos (*Memórias da Ditadura*, [s. d.]). Dado isso, em dezembro de 1945 Marighella conquistou numerosos votos e se elegeu como Deputado Federal pela Bahia e passou a compor a Assembleia Nacional Constituinte (Moraes, 2022). Todavia, sem demora, em 1948, os políticos filiados ao PCB tiveram seus mandatos cassados pelo governo de Eurico Gaspar Dutra (1883-1974), inclusive Marighella, em uma caça aos partidos comunistas (*Memórias da Ditadura*, [s. d.]).

Desse acontecimento em diante, o militante passou a viver na clandestinidade até o fim de sua vida (Moraes, 2022). Em seguida, no ano de 1952, Carlos Marighella se tornou

integrante da Comissão Executiva do Comitê Central do PCB e, com auxílio do partido, viajou para a China para estudar mais proximamente sobre a Revolução Chinesa (Moraes, 2022).

Mais tarde, em 1964, após o início do regime cívico-militar, Marighella foi preso mais uma vez, contudo, dessa vez a prisão ocorreu após ser baleado em um cinema no Rio de Janeiro (RJ), pelos agentes do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) (Moraes, 2022). Marighella é libertado em 1965. O ano de 1966 é marcado por sua decisão de não se manter somente no campo pacífico (Abreu, [s. d.]). Nesse momento, Marighella decide seguir o caminho da luta armada contra a ditadura vigente, então, produz uma obra intitulada “A crise brasileira”, na qual, entre diversos outros assuntos, expõe sua opção pela luta armada, a fim de derrubar a Ditadura Militar e implantar um governo popular revolucionário (Abreu, [s. d.]).

A posição de Marighella gera divergências com o seu partido e, por acreditar que o PCB estava agindo de forma passiva, o militante entrega uma carta de demissão da Comissão Executiva e se mantém apenas no Comitê Estadual de São Paulo (Moraes, 2022). Com a propagação das ideias de Fidel Castro (1926-2016) e Ernesto “Che” Guevara (1928-1967), agentes essenciais na Revolução Cubana, em agosto de 1967, Cuba recepciona a I Conferência da Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS), em que Marighella participa de forma independente, já não mais como integrante do PCB (Abreu, [s. d.]).

Posteriormente, no mês seguinte, o partido ratificou a expulsão de Carlos Marighella e outros de seus companheiros (Moraes, 2022). De volta ao Brasil, mais especificamente na capital paulista, Marighella e Joaquim Câmara Ferreira (1913-1970), também expulso do PCB, apresentaram o “Pronunciamento do agrupamento comunista de São Paulo” (Abreu, [s. d.]), em que expressam seu apoio às disposições da OLAS, a qual legitimava a guerrilha urbana como meio vital para a luta revolucionária na América Latina, o documento comunicava a criação de uma nova organização diversa a fixidez e desestruturação do PCB, que trilharia, sobretudo, a crença de Che Guevara em que “O dever de todo revolucionário é fazer a revolução” (Abreu, [s. d.]). Esse pronunciamento marca a gênese da Ação Libertadora Nacional (ALN), movimento guerrilheiro liderado por Marighella e Ferreira.

A promulgação do Ato Institucional n.º 5, no ano de 1968, demarcou o estopim do período mais repressivo da Ditadura Militar, denominado como “Anos de Chumbo” (1969-1978) (Memórias da Ditadura, [s. d.]). Nesse ínterim, o governo vigente disseminava a

narrativa de um Brasil coeso, mediante discursos ufanistas que falseavam a realidade repressiva e violentaposta àqueles que ousavam se contrapor ao regime autoritário (Tramarim, 2007). Conjuntamente à corrente restrição de direitos políticos, de maneira curiosa, inúmeros setores do país evoluíram, tais como a ciência, economia, infraestrutura, esporte, política internacional, entre outros (Tramarim, 2007).

A revolta contra a suspensão de garantias constitucionais e a brutalidade estatal, consequentemente, fomentaram a eclosão de apoiadores da luta armada. No mês de junho de 1969, Carlos Marighella escreve uma de suas produções mais notáveis, qual seja, o “Minimanual do guerrilheiro urbano”, o qual dispõe orientações aos movimentos revolucionários e descreve táticas de guerrilha urbana (Moraes, 2022).

Na manhã do dia 15 de agosto de 1969, um grupo de guerrilheiros da ALN invadiu os estúdios da estação de transmissão da Rádio Nacional em Diadema (SP) para propagar o manifesto “Ao Povo Brasileiro” redigido por Marighella (Moraes, 2022). A invasão obteve grande significação, uma vez que o rádio se destacou como uma ferramenta vital para a solidificação da narrativa difundida pela ditadura, em que o veículo foi usado para a propaganda oficial do período, a fim de se incorporar ao cotidiano da população brasileira.

Dado que o consumo de informação e lazer dos brasileiros era majoritariamente mediante as ondas de rádio, tanto para a classe média quanto para a classe trabalhadora, pois, era um objeto presente durante todo o seu percurso diário. Ou seja, o principal veículo de comunicação do povo era monopolizado politicamente, visando influenciar as concepções da nação e firmar uma narrativa singular.

Alguns meses depois, no dia 4 de setembro de 1969, a ALN na companhia do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), sequestraram o embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick (1908-1983), no Município do Rio de Janeiro (Abreu, [s. d.]). Como condição para a libertação do embaixador, o grupo demandava a publicação de um manifesto na imprensa e a transferência de 15 presos políticos de diversos movimentos para o exterior.

Essas reivindicações mais tarde foram concedidas pelo governo, que naquele momento estava sendo liderado por uma Junta Militar, em razão do afastamento do Presidente Artur da Costa e Silva (1899-1969), devido a problemas de saúde (Abreu, [s. d.]). A reunião desse e demais eventos de revolta resultou na intensificação da opressão estatal contra os movimentos de resistência à Ditadura Militar. Então, exatamente dois meses após o sequestro do embaixador, na noite de 4 de novembro de 1969, agentes do DOPS comandados pelo

delegado Sérgio Paranhos Fleury (1933-1979), alinharam uma emboscada na alameda Casa Branca, localizada em São Paulo (SP), visando o assassinato de Carlos Marighella (Gumieri, [s. d.]). Nessa ocasião, durante a violenta e coordenada operação de captura, Marighella, que estava sendo procurado como o inimigo número um do regime, foi executado a tiros (Moraes, 2022).

Ao longo de toda sua trajetória, Marighella produziu múltiplos escritos políticos, entre poemas, manuais e manifestos, os quais refletem cada momento de sua vida e narram, sob sua ótica, parte da história do Brasil. Assim, expõe uma de suas faces, pois, para além de militante e guerrilheiro, Marighella prezava por se expressar por meio da literatura, em que ele manifestava suas emoções, percepções e reflexões que, apesar de silenciadas pelo regime da época, hoje existem como herança memorial de um dos períodos mais violentamente pujantes do Estado brasileiro e que mantêm a reminiscência do revolucionário.

Todo o acervo poético composto pelo guerrilheiro está agrupado no livro “Rondô da Liberdade”, título inspirado em seu poema de mesmo nome (Memórias da Ditadura, [s. d.]). Dentre as obras de Marighella está o poema “Liberdade (1939)”, o qual foi objeto de análise da presente pesquisa.

2.1 Liberdade (1939)

Em 1939, na ocasião em que estava confinado no Presídio Especial no Município de São Paulo, Carlos Marighella produziu “Liberdade”, uma dentre suas inúmeras obras poéticas capazes de historicizar o momento em que estava vivendo, em que proclama:

Não ficarei tão só no campo da arte,
e, ânimo firme, sobranceiro e forte,
tudo farei por ti para exaltar-te,
serenamente, alheio à própria sorte.
Para que eu possa um dia contemplar-te
dominadora, em férvido transporte,
direi que és bela e pura em toda parte,
por maior risco em que essa audácia importe.

Queira-te eu tanto, e de tal modo em suma,
que não exista força humana alguma
que esta paixão embriagadora dome.
E que eu por ti, se torturado for,
possa feliz, indiferente à dor,
morrer sorrindo a murmurar teu nome (Marighella, 1939).

Nesse breve poema de somente duas estrofes, Marighella expõe sua decisão de lutar pela liberdade mediante demais formas para além da arte, ao passo que afirma estar disposto a

fazer o que for necessário para exaltar a liberdade, pois, ainda que ele se encontre dependente de sua própria sorte, ele irá se arriscar para contemplá-la e disseminar a palavra de quão bela é a liberdade. Na segunda e última estrofe, Marighella exprime a intensidade de seu desejo pela liberdade, à medida que a equivale ao sentimento de uma paixão desmedida incapaz de ser contida por qualquer força humana e, mesmo que em razão da busca por ela, ele seja torturado, ele morrerá feliz, apático aos efeitos da dor enquanto resiste e prossegue clamando por liberdade.

Marighella compôs versos que poderiam ser descritos como melancólicos ou dramáticos. Contudo, ao assimilar suas palavras ao contexto de sua (sobre)vivência naquele período, outra perspectiva surge perante os olhos do leitor; uma visão que nas obras de romance são descritas como uma declaração de amor verdadeiro, em que o último ato de tragédia é a separação entre os apaixonados pela nefasta morte, reproduzida inúmeras vezes pela famigerada frase “até que a morte nos separe”, dado que somente por intermédio da ligação literária e histórica é possível se aproximar da compreensão das emoções mais íntimas que estimularam cada letra redigida e experienciada pelo escritor.

Dessarte, é perceptível em cada minuciosidade do vocábulo do guerrilheiro tanto sua paixão pela liberdade quanto um sentimento de angústia e anseio por senti-la novamente, independentemente dessa paixão resultar em seu extermínio, assim, afirmando sua devoção por ela.

2.2 Terceiro Mundo, Fábrica de Marighella

Manda avisar que aqui nós tira água de pedra
 Terceiro mundo, fábrica de Marighella
 (Febem¹, Terceiro Mundo, 2020).

Para além de suas outras faces, Carlos Marighella era um poeta congênito que trajava a literatura e, em meio a versos e estrofes, foi capaz de narrar a história que não era enunciada. Durante as décadas de repressão e opressão, com enfoque na censura de quaisquer vozes políticas contrárias à narrativa do poder vigente, o silenciamento dos regimes e a propagação discursiva desleal da realidade vivida foram tão articuladas e minuciosas que algumas das obras do militante foram publicadas primeiramente em edição com idioma estrangeiro, ainda

¹ Felipe Disiderio, conhecido no mundo artístico como Febem, é um rapper paulista reconhecido por incorporar elementos do estilo grime e do funk brasileiro em um som criativamente nomeado de “Brime!” em meio a letras reflexivas.

que compostas em português (*Memórias da Ditadura*, [s. d.]). Apesar de silenciado eternamente por um extermínio violento bem-sucedido, Marighella segue sendo voz e referência sobre a luta contra a violência perpetuada pelo Estado brasileiro, dado que toda a riqueza da obra poética produzida por ele aufera um caráter testemunhal.

Conforme Wilberth Salgueiro², “os poemas que, desde sempre, tomam para si a tarefa de escrever e pensar as dores e catástrofes – que atingem o sujeito que fala por si e, sobretudo, por uma comunidade maior – podem ser lidos como uma espécie de cicatriz” (2015, p. 120). Salgueiro afirma que no Brasil há uma gama de produções poéticas que agrupadas podem ser denominadas “poesia de testemunho”. O professor de literatura brasileira na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) ressalta que essa forma de poesia é um instrumento de resistência e reflexão sobre as dores de indivíduos e comunidades. Além disso, ele destaca o papel da poesia como um registro das chagas sociais que afligem a sociedade, com a violência e opressão.

A arte se torna um elemento de recusa da banalização da violência e a capacidade de mesmo postumamente predispor vestígios literários sobre o contexto truculento vivenciado, após inúmeras tentativas de emudecimento, viabiliza a (re)construção e (re)formulação de narrativas que, de acordo com o crítico indo-britânico Homi K. Bhabha³ (2013), sofrem constantes disputas de significação política entre a pedagogia e a performatividade. Essa capacidade literária do indivíduo documentar e testemunhar contextos catastróficos e traumáticos de sua época é categorizada como um gênero da literatura, nomeado como literatura de testemunho. Segundo Márcio Seligmann-Silva⁴ (2002), a literatura de testemunho é instrumento substancial para que vozes de resistência sejam ouvidas e enfatiza que:

O testemunho não deve ser confundido nem com o gênero autobiográfico nem com a historiografia – ele apresenta uma outra voz, um “canto - ou lamento – paralelo”, que se junta à disciplina histórica no seu trabalho de colher os traços do passado (Seligmann-Silva, 2002, p. 150).

² Wilberth Claython Ferreira Salgueiro é professor na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e tem sua carreira científica orientada para a área dos estudos literários, especialmente em relação à poesia e à literatura de testemunho.

³ Homi Kharshedji Bhabha, professor de Humanidades na Universidade de Harvard e crítico indo-britânico, é autor da vasta obra “O Local da Cultura”, publicada em 1994, em que versa sobretudo acerca da questão da cultura, identidade e diferença em uma perspectiva pós-colonial contemporânea, enquanto conduz o leitor a uma jornada de 441 páginas em meio a um vocabulário engenhoso e enigmático.

⁴ Márcio Orlando Seligmann-Silva é professor de Teoria Literária na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e possui como enfoque em suas pesquisas a temática da teoria do testemunho e da memória da violência das ditaduras na América Latina, entre outros.

No decorrer da análise das narrativas por Homi Bhabha em sua obra “O Local da Cultura” (2013), por intermédio do entendimento do autor que a identidade nacional é construída por um processo multifacetado, ele expõe duas formas de narrativas políticas, a narrativa pedagógica e a narrativa performativa.

A narrativa pedagógica é definida por um processo educacional de difusão de conhecimentos, valores e histórias incorporadas no contexto nacional e cultural, a qual é utilizada pela hegemonia para a monopolização da história e cultura de uma nação, disseminando narrativas homogêneas e desintegradas das memórias, vivências e experiências de grupos subalternos, por consequência reproduzindo uma assimilação limitada e falseada da realidade. Esse abandono das histórias e culturas marginalizadas não somente desvirtua o pertencimento e a percepção nacional, mas também tonifica as relações de poder desiguais, ao mesmo tempo que ampara a perduração da desigualdade social.

Outrossim, Bhabha (2013) debate que a narrativa pedagógica deve ser apropriada como um espaço de resistência, ao englobar as experiências vividas dos grupos exilados ao silêncio e apagamento, uma vez que, para ele, a educação é ponto central na construção da consciência crítica e na transformação social, de maneira que oportuniza que os sujeitos se convertam em agentes ativos na reinterpretação de sua identidade, cultura e história.

Por outro lado, a segunda forma de narrativa política é descrita como narrativa performativa, em que, conforme Bhabha, é a concepção de não fixidez das narrativas, ao passo que as narrativas culturais se movimentam consoante os contextos históricos e sociais e seriam geradas por processos dinâmicos de interação e negociação de significados entre diferentes culturas e identidades, o que, segundo ele, permite que as significações sejam continuamente renegociadas e reinterpretadas. Aliás, o professor ressalta que as narrativas performativas viabilizam que as vozes dos marginalizados sejam disseminadas e dissipam as narrativas hegemônicas, à medida que possibilitam o surgimento de novas percepções.

Para Bhabha (2013), os indivíduos e grupos se caracterizam como atores primordiais dessa (re)construção cultural mediante as práticas performativas, visto que a historicização das narrativas dos subalternos, antes fadadas ao silêncio, é substancial para a compreensão e estudo das tensões e sobreposições nas histórias dos excluídos, a qual é perpetuada por meio da literatura, arte, diálogo e demais práticas culturais que reconheçam e reescrevam as experiências do presente e passado, com efeito de contribuir para a constituição do futuro.

O ato de estruturação das narrativas não possui finitude, e sim o oposto, deve ser realizado ininterruptamente, para que o silêncio não seja o fim da história daqueles que tanto lutaram para ter voz, pois as tentativas de falseamento e apagamento são constantes. Com isso, surge a necessidade de elucidar as gerações seguintes, paralelamente permitindo que o presente tempo seja documentado.

O crítico indo-britânico vê o Terceiro Mundo⁵ como um espaço de resistência onde seu povo usa de suas experiências e histórias para subverter os estereótipos impostos pelo colonialismo, criando outras formas de identidade e significado, pois não se trata de um bloco monolítico e, sim, rico de diversidade e complexidades culturais. Bhabha (2013) nega essa visão simplista e redutora dessa delimitação geográfica que ignora as nuances da população e salienta a importância da memória na estruturação de narrativas históricas como instrumento crucial para historicizar narrativas excluídas da história oficial, como recorda o rapper Sabotage⁶ (1973-2003) em sua música “O terceiro mundo tem sido cruel” (Sabotage, No Brooklin, 2001).

No decurso de sua exposição literária, Bhabha (2013) introduz conceitos primordiais para as reflexões do presente trabalho, tais como a ambivalência, Eu/Outro, entre-lugar e o político como prática pedagógica ou performativa. Conforme Bhabha, a ambivalência concerne à concomitância da contraditoriedade das identidades e representações culturais, fator elementar na formação de estereótipos. Para ele, essa dualidade demonstra a falta de fixidez e, portanto, a adaptabilidade social e histórica dos estereótipos que não se mostram somente como simplificações, mas também expressões complexas entre a identidade e a alteridade.

Considerando que, para o professor, o estereótipo é um modo complexo e ambivalente de representação que envolve a previsibilidade e a incompreensibilidade do “Outro”, em que esse “Outro” não é compreendido apenas por uma imagem inautêntica de si, e sim, por meio de uma criação espelhada nas tensões e contradições das relações de poder, de modo que se instrumentaliza o estereótipo a fim de simultaneamente marginalizar e individualizar os

⁵ Apesar do termo “Terceiro Mundo” ter se tornado obsoleto e, na atualidade, ser considerado ultrapassado ou inadequado, a palavra foi utilizada na presente pesquisa, pois o autor da obra central da análise realizada, Homi Bhabha, faz o uso do termo no decorrer de sua obra “O Local da Cultura”. Aliás, também se acredita na possibilidade de ressignificações, tal como foi realizada na canção “Terceiro Mundo”, do artista Febem, referenciada na epígrafe desta pesquisa.

⁶ Mauro Mateus dos Santos, artisticamente conhecido como Sabotage, foi um rapper brasileiro nascido na Zona Sul de São Paulo (SP) que, assim como os Racionais MC's, também teve papel central na consolidação da cultura hip-hop no Brasil.

sujeitos, assim, expondo uma dinâmica de controle, ao simplificar e desumanizar grupos e de resistência, quando os indivíduos se apropriam dessas representações estereotipadas e as reescrevem à proporção que afirmam suas identidades culturais e resistem à dominação. Esse contexto de tensões e violências constantes, vivido pelos filhos do Terceiro Mundo, fabrica uma geração de Marighella(s), antagônicos e insubmissos aos sofrimentos perdurados.

Usando e abusando da nossa liberdade de expressão
Um dos poucos direitos que o jovem negro ainda tem nesse país
(Racionais MC's, Introdução, 1993).

Carlos Marighella, no decorrer de sua trajetória, resistiu e lutou de diversas formas, desde uma tentativa artística por meio dos poemas, até uma luta democrática através de eleição e, por fim, a luta armada, quando todos os seus outros recursos já não lhe faziam mais sentido. Persistindo na luta, os filhos contemporâneos desse Estado relapso, tal como Marighella, tornam-se indigestos por não se limitarem a uma identidade estática e redutiva do “Eu”, mas, sim, usufruírem da excepcionalidade humana que é a capacidade de existir dentre mil faces. Graças a essa multiplicidade de possibilidades de ser, os descendentes do revolucionário, assim como ele, fazem uso de várias formas de luta, a fim de buscar por viver e não somente ser mais um “Outro” fadado a sobreviver nas sombras do que lhe foi definido pelos factuais outros.

3 RACIONAIS MC'S: CÉLEBRES MALANDROS, CÉREBROS BRILHANTES

Rememorando o passado de resistência e enfrentando o presente de continuidade da violência, os Racionais MC's se armam da música como recurso político em um contexto que, apesar da redemocratização do Estado brasileiro em muitos aspectos, ao se comparar com o Brasil deficitário de democracia e liberdade vivenciado por Marighella, a violência perpetrada por instituições estatais permanecem como herança do período ditatorial. Por conseguinte, expoem as inúmeras faces de um Brasil ambivalente.

As obras dos Racionais MC's são uma forma dinâmica de sonorizar, não unicamente a perspectiva singular do grupo, mas sobretudo da comunidade subalternizada em sua totalidade, tal como seu fim não é objetivado tão somente ao divertimento. Pelo contrário, possui um propósito como ferramenta de expressão e resistência cultural, simultaneamente promovendo um espaço de discurso aos marginalizados.

A relação entre o “Eu” e o “Outro”, segundo Bhabha (2013) é elemento vital na construção da identidade, na qual o “Eu” se caracteriza pelo contraste e interação com o

“Outro”, uma vez que o “Outro” é um agente influenciador e desafiante da percepção do “Eu”. Veja-se que, para Bhabha, há um “entre-lugar” (ou “third space”), no qual as identidades culturais se chocam e se reformulam.

Esse espaço híbrido e ambivalente permite a metamorfose dos indivíduos por meio do apoderamento de novas significações e formas de pertencimento distante de qualquer definição fixa. Em decorrência disso, o “entre-lugar” se torna um local de resistência cultural, porque proporciona um espaço para que as vozes marginalizadas se afirmem e dialoguem, assim sendo, capaz de subverter as narrativas dominantes que antes os definiam, controlavam e calavam suas vozes.

O estimado grupo de hip-hop Racionais MC's se formou em 1988 (Oliveira, 2018), como resultado da intervenção do produtor cultural e ativista político Milton Sales, que influenciou a união de quatro homens negros moradores da periferia do Município de São Paulo, presentes na cena musical na região central da capital paulista: Paulo Eduardo Salvador (Ice Blue) e Pedro Paulo Soares Pereira (Mano Brown), residentes da Zona Sul do Município, e Edivaldo Pereira Alves (Edi Rock) e Kleber Geraldo Lelis Simões (KL Jay), residentes da Zona Norte.

O grupo passou por uma trajetória extensa a datar de sua entrada na coletânea Consciência Black com as composições de Mano Brown, “Pânico na Zona Sul”, e de Edi Rock e KL Jay, “Tempos Difíceis”, e posteriormente com o lançamento do primeiro disco do quarteto denominado “Holocausto Urbano”. A combinação desses quatro indivíduos em uma harmonia sonante se tornou não somente um marco para a história do hip-hop, como também para o cenário musical nacional em sua totalidade, trazendo consigo uma transformação do que era a música para o brasileiro, principalmente para o povo periférico que, mediante o som, começa a passar por um processo de autorreconhecimento, pois:

Sua radicalidade e seu senso de “missão” (afinal, “rap é compromisso”, já dizia Sabotage) ajudaram a desenvolver um espaço discursivo em que os cidadãos periféricos puderam se apropriar de sua própria imagem, construindo para si uma voz que, no limite, mudaria a forma de enxergar e vivenciar a pobreza no Brasil (Oliveira, 2018, p. 23).

Dado isso, as obras dos Racionais MC's, emanam um teor tanto melódico quanto social. Entre o lazer e a reflexão suas letras foram capazes de alcançar todas as camadas sociais, deste modo, da periferia aos bairros nobres é possível ouvir e ecoar o som do grupo musical, sobretudo o efeito e a potência da obra-prima “Sobrevivendo no Inferno”, lançada

em 1997 pela produtora Cosa Nostra, fundada pelos Racionais MC's, ultrapassou as barreiras estatais, artísticas, acadêmicas e incontáveis outras, uma vez que:

Seu impacto no cenário nacional pode ser comparado sem exagero ao de outras obras pertencentes aos mais diversos campos culturais, como Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa, Terra em transe, de Glauber Rocha, e Chega de saudade, de João Gilberto. Em termos políticos, contudo, é praticamente sem paralelo (Oliveira, 2018, p. 22).

A ótica política dos Racionais MC's sobre a nação e o Estado brasileiro dissipam a ideia de subordinação e cordialidade do homem negro para com um sistema de violência e dominação de seus corpos e mentes, portanto, o grupo denuncia esses aspectos e busca propagar uma nova visão, como afirma o professor Acauam Silvério de Oliveira⁷, a fim de “recompor toda a história cultural brasileira sob outra perspectiva, desconstruindo suas principais linhas de organização de sentido até ali e abrindo-se para uma forma de dizer de tipo novo” (2018, p. 25), pois “seu foco está na construção de uma fraternidade de iguais no interior de uma comunidade periférica que se afirma contra um projeto de nação que a deseja exterminar” (2018, p. 24).

Os quatro jovens periféricos instrumentalizaram a música como arma de guerra contra um Estado genocida devotado a colecionar tragédias inescrupulosas. O massacre do Carandiru, o extermínio impiedoso de 111 detentos pela Polícia Militar do Estado de São Paulo, ocorrido em 2 de outubro de 1992, por exemplo, não foi o primeiro nem o último ato de violência extrema legitimada pelo Estado brasileiro, as quais extrapolam as penitenciárias do país, mas se concentram em uma camada social específica e brevemente:

O que a periferia percebeu antes de todos é que esse modelo genocida de organização social, ancorado numa série de mecanismos herdados da escravidão e aperfeiçoados durante a ditadura, não se voltava apenas contra aqueles considerados “criminosos”, tendo se convertido em norma geral, com aprovação quase irrestrita da opinião pública (Oliveira, 2018, p. 20).

O poder ostensivo dos discos dos Racionais MC's flui de seus versos de denúncia da leviandade e repressão do Estado brasileiro, da evidenciação do cotidiano periférico e da instigação do pensamento crítico. Assim, eles se colocam como antagonistas de um país relapso quanto a sua própria população. Sem receio, em suas inúmeras composições o quarteto aborda temas como o crime, a periferia, o racismo, a violência policial, o

⁷ Acauam Silvério de Oliveira, professor de literatura brasileira na Universidade de Pernambuco (UPE) é autor do prefácio “O evangelho marginal dos Racionais MC's”, que integra a principal obra do grupo “Sobrevivendo no Inferno”, publicada em livro.

neopentecostalismo, a autoestima do negro periférico, além de diversas outras temáticas que envolvem e impactam a vida diária do jovem pobre brasileiro e:

Dessa maneira, o grupo conseguiu transfigurar em matéria formal aquilo que o Brasil havia efetivamente assumido enquanto projeto político: um verdadeiro campo de extermínio a céu aberto, que tem como aspecto decisivo a produção e a gestão da violência contra os mais pobres (Oliveira, 2018, p. 27).

Conforme, o professor Oliveira, autor do artigo intitulado “O evangelho marginal dos Racionais MC’s”, que integra a obra materializada em forma de livro do álbum “Sobrevivendo no Inferno”, o quarteto concretizou a sua realidade de sobrevivência e de outros muitos brasileiros por meio da música. Em outras palavras, mediante a música, o grupo corporificou e converteu o destemor cotidiano pela subsistência que se mantinha apenas no campo do não enunciado em uma sonância de vozes que refletem não apenas a condição da segurança pública no Brasil, mas também de inúmeros outros setores do Estado que, direta ou indiretamente, violentam a periferia.

Em outros termos, os Racionais MC's se tornaram porta-vozes de parcela da nação brasileira que clamava para ser ouvida, respeitada, valorizada e permitida a viver. Por esse motivo, esses quatro homens negros periféricos das ruas de São Paulo revolucionaram tanto a cena musical quanto histórica e cultural do país, dado que foi em virtude da eloquência do quarteto que o jovem pobre brasileiro foi e ainda tem a sua autoestima motivada pelas vozes de Ice Blue, Mano Brown, Edi Rock e KL Jay, os revolucionários e guerrilheiros do século XX e XXI que, armados da música, narram a nação brasileira.

3.1 Mil Faces de um Homem Leal (Marighella)

Em 2012, o quarteto foi convidado para compor uma faixa musical, a qual foi nominada como “Mil Faces de Um Homem Leal (Marighella)”, para integrar a trilha sonora do documentário “Marighella” (2012), produzido pela socióloga, cineasta brasileira e sobrinha de Carlos Marighella, Isa Grinspum Ferraz. A música que marcou o fim de uma década sem novos lançamentos pode ser percebida no encerramento do filme. Apesar do clipe da faixa ter sido lançado no mesmo ano de sua composição, somente em 2017 o *single* foi incorporado oficialmente na discografia dos Racionais MC's (Ferreira, 2017).

A música e o clipe se concentram em referenciar um acontecimento datado de 1969, no qual a Ação Libertadora Nacional (ALN), organização liderada por Carlos Marighella, invadiu uma torre de transmissão da Rádio Nacional em São Paulo e, mediante a

interceptação do sinal, emitiu um discurso revolucionário à população brasileira (Moraes, 2022). Na canção dos Racionais MC's, pode-se perceber a voz de Marighella no trecho da narração do manifesto divulgado. Historicamente, apesar de Marighella ter escrito a mensagem em junho daquele ano, na realidade, quem deu a voz para a gravação que posteriormente em uma manhã de agosto de 1969 seria transmitida para o povo brasileiro foi o militante chamado Gilberto Luciano Belloque (Capuano, 2024).

O clipe oficial da música, postado em 4 de agosto de 2013 na plataforma do YouTube, conta com 3,6 milhões de visualizações e 87 mil curtidas (Youtube, 2025). Nesse curta-metragem de 06 minutos e 13 segundos, Mano Brown dá a vida a Carlos Marighella durante a invasão da Rádio Nacional. Contudo, é importante salientar que no acontecimento real há controvérsias se Marighella havia ou não participado deste ocorrido.

O clipe se inicia com os revolucionários armados rendendo o segurança e as demais pessoas da rádio, e depois exibe a matéria do jornal do acontecimento e passa a se dividir entre cenas da ditadura, cenas da atualidade e a apresentação dos Racionais MC's armados enquanto Brown canta e segura o Manual do Guerrilheiro. O clipe finaliza com o assassinato de Marighella e logo em seguida juntamente aos créditos há uma foto de Marighella em que é possível ouvir gritos clamando por “abaixo a repressão”.

Sobre a letra da obra dos Racionais MC's a ser analisada, tem-se a introdução da canção:

[Introdução]
 (Atenção, está no ar a Rádio Libertadora
 Atenção, está no ar a Rádio Libertadora
 Atenção...)
 "Temos presente em nossos estúdios..."
 (Atenção, atenção)
 "...Carlos Marighella"
 "Carlos Marighella"
 "Esta mensagem é para os operários de São Paulo, da Guanabara, Minas Gerais,
 Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Sul, incluindo os trabalhadores do interior"
 "Para criar um núcleo do Exército de Libertação"
 "Carlos Marighella"
 "O poder pertence ao povo"
 "Carlos Marighella"
 "Nosso lema é unir as forças revolucionárias"
 (De qualquer parte do Brasil, para os patriotas de toda parte)
 "Carlos Marighella"
 "Podem surgir dos bairros, das ruas, dos conjuntos residenciais, das favelas,
 mucambos, malocas e alagados"
 (O dever de todo revolucionário é fazer a revolução)
 "Cada patriota deve saber manejar sua arma de fogo"
 "Carlos Marighella"
 "Aumentar sua resistência física"
 "Carlos Marighella"

"O principal meio para destruir seus inimigos é aprender a atirar"
 "Carlos Marighella"
 (Carlos Marighella)
 (Atenção, atenção)
 (Racionais MC's, 2012).

Tal como exposto anteriormente, a letra da canção inicia com um discurso que alude ao manifesto revolucionário escrito por Marighella em 1969, o qual busca transmitir aos brasileiros dos quatro cantos do país a necessidade de se unir e, por meio da luta coletiva, buscar a libertação de modo revolucionário e ressalta que é do povo que emana todo o poder. Simultaneamente, percebe-se a incessante repetição do nome de Carlos Marighella, como modo de afirmação, característica que se estende ao longo da música. Em seguida, Mano Brown entoa o seguinte refrão:

[Refrão: Mano Brown]
 A postos para o seu general
 Mil faces de um homem leal, vamo, oi
 A postos para o seu general
 Mil faces de um homem leal, vamo, oi
 (Racionais MC's, 2012).

Mano Brown emite um caráter de preparação para a guerra ao solicitar que todos estejam “A postos para o seu general”, dando continuidade à introdução na qual realizou um chamamento para a luta coletiva. Em seguida, ainda nos trechos iniciais da obra, Brown continua:

[Verso: Mano Brown]
 (Protetor das multidões)
 Três encarnações de célebres malandros
 De cérebros brilhantes, reuniram-se no céu
 O destino de um fiel, se é o céu o que Deus quer
 Consumado, é o que é, assim foi escrito
 Um mártir, um mito, um maldito sonhador
 (Racionais MC's, 2012).

Durante o clipe da música, no verso “Três encarnações de célebres malandros” de Mano Brown, as imagens de três ativistas negros norte-americanos são expostas, sendo eles Muhammad Ali (1942-2016), Angela Davis e Malcolm X (1925-1965), conteúdo que de certa maneira se mostra um tanto controverso ao relacionar com o próximo verso “reuniram-se no céu”, dado que Angela Davis está viva. Segundo indagações do site de letras musicais “Genius”, há a possibilidade de Brown estar se referindo a Martin Luther King Jr. e a Malcom X, porém certa confusão de entendimento é criada devido à aparição de Davis no clipe da música.

Muhammad Ali, anteriormente nomeado como Cassius Clay Jr., passou a se chamar dessa forma após se converter ao islamismo (Ebiografia, 2024). Ele foi um dos principais boxeadores de sua época e usufruía de sua fama para lutar pelos direitos civis para a população negra. Angela Davis, atualmente, é uma escritora e professora renomada por seus estudos especialmente nas áreas de raça e gênero, porém se tornou uma ativista pacífica após integrar a lista dos dez mais procurados do *Federal Bureau of Investigation* (FBI), a polícia federal estadunidense, e ser presa (Ebiografia, 2024).

Malcolm X foi mais um ícone cultural islâmico de subversão ao racismo perpetrado em seu país. Em vida, ele lutou pelos direitos civis e defendeu o direito à autodefesa (Ebiografia, 2024). Por fim, Martin Luther King, simultaneamente, foi um importante crítico da discriminação racial, no entanto, ao contrário de Malcolm X, ele acreditava em uma luta pacífica e cristã (Ebiografia, 2024). Ao destacar as diferentes figuras e suas formas de luta, pode-se entender que cada uma delas representa de certa maneira uma das faces de Marighella em sua própria luta contra a opressão.

Brown enaltece o brilhantismo daqueles que lutaram ativamente pelo movimento negro e prossegue relatando que dois deles se reúnem no céu juntamente com Marighella. Adiante, o cantor reforça que, independentemente de seu destino ter sido a morte, os três continuam sendo referências como ilustres sonhadores de um mundo melhor, destacando a necessidade de se manter a esperança, o que é enfatizado nos trechos a seguir:

Bandido da minha cor, o novo Messias
 Se o povo dormia ou não, se poucos sabiam ler
 Iam morrer em vão, lesos e loucos, sem saber
 Coisas do Brasil, super-herói mulato
 Defensor dos fracos, assaltante nato
 Ouçam, é foto e é fato, há planos crueis
 Tramam trinta fariseus contra Moisés, moro?" ("Marighella")
 Reaja ao revés, seja alvo de inveja, irmão
 Esquinas revelam a sina de um rebelde, ó, meu
 Que ousou lutar, amou a raça
 Honrou a causa que adotou, o aplauso é pra poucos
 ("Carlos Marighella")
 (Racionais MC's, 2012).

Nesse fragmento da música, o cantor paulista traz uma associação entre Marighella, Messias e Moisés, esses dois personagens bíblicos de grande destaque no cristianismo que foram perseguidos por lutarem contra a opressão e pela salvação de seu povo, no contexto de suas respectivas narrativas. Ao mesmo tempo, a letra evidencia os traços infames do guerrilheiro. Além disso, Brown reitera a similitude entre ele e Marighella, sendo ambos

“mulatos”, fruto da miscigenação brasileira. Desse trecho em diante, são apresentados diversos problemas substanciais da sociedade brasileira da época de 1969 e que ainda assolam o Brasil contemporâneo, a começar pela falta de moradia apropriada, analfabetismo, educação escolar precária e mais:

Revolução no Brasil tem um nome ("Marighella")
 Vejam o homem, se quer ser um homem também
 A imagem, o gesto, lutar por amor
 Indigesto como o sequestro do embaixador
 O resto é flor, sem ter festa eu vou e eu peço:
 Leia os meus versos e o protesto é show
 (Racionais MC's, 2012).

Seguindo no destrinchamento da canção, nesse excerto, Brown declara que Marighella foi um símbolo revolucionário no Brasil e que aqueles que desejam se tornar homens devem observar os aspectos que tornaram Marighella o homem que ele foi.

Depois, o artista evidencia o ocorrido onde membros da ALN sequestraram o embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick. Logo, pede que leiam seus versos, que também são uma forma de luta, trazendo assim um entendimento duplo para o ouvinte ler os versos escritos por Marighella, tanto em seu Manual do Guerrilheiro quanto em seus exímios poemas, como também os versos entoados pelos Racionais MC's em suas obras musicais. Em todos esses o sujeito preconiza sua revolta e mediante os versos protesta contra sua própria realidade, e prossegue:

Pres'tenção, que o sucesso em excesso é cão
 Quem se habilita a lutar?
 A fome grita, horrível
 A todo ouvido insensível que evita escutar
 Acredita? Luta! Quanto custa lidar?
 Cidade em chama, vida que esvai por quem ama
 Quem clama por socorro, quem ouvirá?
 Crianças, velhos e cachorros, sem temor
 Clara, meu eterno amor, sara minhas dores
 (Racionais MC's, 2012).

Para mais, Mano Brown traz uma crítica em tom de conselho ao declarar que “o sucesso em excesso é cão”, transmitindo que muitos se perdem na luta ao se deixarem levar pelas virtudes trazidas pelo sucesso descomedido, então, questiona quem estaria disposto para defrontar os reveses que devastam a comunidade, ao mesmo tempo que destaca que o povo está em situação de penúria, sentindo fome, clamando por ajuda, entretanto, há aqueles que preferem rejeitar o chamado de desespero e ele ainda pergunta se sequer há alguém para ouvi-los.

Em “Clara, meu eterno amor, sara minhas dores”, Brown referencia Clara Charf, antes cônjuge e agora viúva de Carlos Marighella, parceiros no amor e na luta militante (Moraes, 2022). Simultaneamente, expõe que o ato de amar também é revolucionário. Encaminhando para o fim da canção, Brown discorre:

Pra não dizer que eu não falei das flores
 Da Bahia, de São Salvador, Brasil
 Capoeira mata um, mata mil
 Porque me fez hábil como um cão
 Sábio como um monge, antirreflexo
 De longe, homem complexo, sim
 Confesso: queria
 Ver Davi matar Golias
 Nos trevos e cancelas
 Becos e vielas, guetos e favelas
 Quero ver você trocar de igual
 (Racionais MC's, 2012).

De maneira brilhante, o lírico faz alusão a uma música, entre as diversas obras censuradas pela a Ditadura Militar no Brasil, “Pra Não Dizer Que Não Falei das Flores”, composta pelo cantor brasileiro Geraldo Vandré (Memórias da Ditadura, [s. d.]). Posteriormente, Brown menciona o período do Brasil colonial, ao citar São Salvador da Bahia de Todos os Santos, a primeira capital do país, entre os anos de 1549 e 1763 (Veiga, 2024). Ademais, reitera a potência da capoeira, expressão cultural brasileira que mescla a música a movimentos de artes marciais e da dança (Afonso, [s. d.]).

Mais uma vez a canção traz um elemento bíblico ao mencionar “Confesso: queria / Ver Davi matar Golias”, uma das histórias mais marcantes do livro sagrado cristão descrita no livro de 1 Samuel capítulo 17 nos versículos 31 a 58 (Bíblia Online, [s. d.]), na qual Davi, um jovem pastor de ovelhas, sem temor, luta contra um gigante guerreiro que ameaçava seu povo e o derrota ao arremessar uma pedra com uma atiradeira na testa de Golias, vitória que, segundo a narrativa, foi possível graças à coragem e fé em Deus. Em outros termos, pode-se compreender que Brown se refere a um desejo de ver a vitória de seu povo contra aqueles que os ameaçam, e continua:

Subir os degraus, precipícios
 É, vida difícil, ô, povo feliz
 Quem samba, fica, quem não samba, camba
 Chegou, salve-geral da mansão dos bambas
 Não se faz revolução sem um fura na mão
 Sem justiça não há paz, é escravidão
 ("Carlos Marighella")
 Revolução no Brasil tem um nome ("Carlos Marighella")

[Refrão: Mano Brown]

A postos para o seu general
 Mil faces de um homem leal, vamo, oi
 Marighella
 A postos para o seu general
 Mil faces de um homem leal, vamo, oi
 Marighella
 (Racionais MC's, 2012).

Nesses versos finais, a faixa musical destaca que, apesar de a vida ser difícil nas comunidades periféricas, o povo segue tentando ser feliz. Em seguida, ao pronunciar “Quem samba fica, quem não samba, camba” a letra se refere a uma carta intitulada como “Quem Samba Fica, Quem Não Samba Vai Embora” dirigida aos revolucionários de São Paulo, redigida por Marighella e datada em dezembro de 1968 (Marighella, 1968).

Além disso, é enfatizada a primordialidade da luta armada para a revolução, artifício necessário para alcançar a vitória, conforme as concepções de Marighella. Outrossim, em “Sem justiça não há paz, é escravidão”, é possível compreender como um clamor pela justiça para o povo brasileiro, de modo que a falta dela seria considerada como escravidão do povo. Por fim, Brown reforça que Marighella é a referência de ato revolucionário no país. Logo após, o refrão é repetido e depois se inicia o seguinte interlúdio:

[Interlúdio: Mano Brown]
 Essa noite, em São Paulo, um anjo vai morrer
 Por mim e por você, por ter coragem de dizer
 (Racionais MC's, 2012).

Durante o interlúdio, Mano Brown traz uma reflexão melancólica sobre a noite em que Carlos Marighella foi assassinado aos 57 anos, em 4 de novembro de 1969, na alameda Casa Branca, no Município de São Paulo (Gumieri, [s. d.]). Brown frisa que Marighella morreu pelo seu povo ao ter a coragem de se posicionar e lutar. A seguir, inicia-se o *outro* da canção, termo da língua inglesa derivado da palavra “*Outroduction*”, que corresponde à parte final da música, da qual versa:

[Outro: Marighella]
 "Todos nós devemos nos preparar para combater
 É o momento de trabalhar pela base, mais e mais pela base
 Chamemos os nossos amigos mais dispostos, tenhamos decisão
 Mesmo que seja enfrentando a morte
 Porque, para viver com dignidade, para conquistar o poder para o povo
 Para viver em liberdade, construir o socialismo e o progresso
 Vale mais a disposição
 Cada um deve aprender a lutar em sua defesa pessoal
 Aumentar sua resistência física
 Subir ou descer por escarpas e barrancos
 À medida que se for organizando a luta revolucionária
 A luta armada, a luta de guerrilha, que já venha com a sua arma"

("Atenção, atenção, atenção")
 "Muito obrigado, Marighella, pela sua participação"
 "Carlos Marighella, Carlos Marighella"
 (Racionais MC's, 2012).

No *outro* da obra, é reproduzido um excerto de uma entrevista dada por Carlos Marighella para o programa em português da Rádio Havana em agosto de 1967, durante sua permanência na capital cubana (Abreu, [s. d.]). O guerrilheiro discorre que todos devem se organizar para guerrear, preparar-se fisicamente de modo que, quando se iniciar a luta armada, o sujeito já se apresente com sua própria arma e salienta a crucialidade de se dedicar no trabalho de base e no convite àqueles que estivessem dispostos a lutar sem receio de confrontar a morte, pois, para ele, a disposição de buscar uma vida digna e de liberdade e poder para o povo seria a característica mais valiosa. Por último, é dado um agradecimento pela participação de Marighella na entrevista em questão.

3.2 O local da música de um povo heróico, o brado retumbante

No capítulo VIII de *O Local da Cultura* (2013), “DissemiNação”, inspirado em Jacques Derrida e na experiência quanto à migração de Bhabha, o autor indo-britânico discute a vivência de migrantes e refugiados. Nesta pesquisa, essa discussão é adaptada para a realidade do cidadão que, mesmo sendo natural daquele espaço, é tratado como um intruso e expulso para os guetos, margens e favelas do seu próprio país. É do encontro desses indivíduos subalternizados que emerge a capacidade de resgatar memórias “subdesenvolvidas” e as experiências passadas, unindo o presente e o passado em um “ritual de revivescência” (Bhabha, 2013, p. 227). Desse modo, a criatividade é despertada para reescrever a história sob a perspectiva daqueles que foram colocados à margem.

Consoante Bhabha, o desenraizamento tanto psíquico, em relação à negação da memória de seus antepassados, quanto social e educacional, ocasionados pela deturpação histórica nacional, são convertidos na linguagem da metáfora, à qual é engenhosamente instrumentalizada no rap/hip-hop e na poesia, como pode ser analisado nas obras estudadas, a canção “Mil faces de Um Homem Leal (Marighella)”, dos Racionais MC's, e o poema “Liberdade”, de Carlos Marighella. Em ambas as obras os criadores usaram da linguagem da metáfora como ferramenta política para expressar o seu descontentamento com os feitos do Estado brasileiro. De forma que, para o professor, “a linguagem da cultura e da comunidade

equilibra-se nas fissuras do presente, tornando-se as figuras retóricas de um passado nacional” (Bhabha, 2018, p. 231).

Para Mônica Sette Lopes⁸ (2017), a música desempenha um papel na expressão cultural e emocional dos indivíduos, de modo que ela transmite a identidade e as experiências humanas. Ademais, a música também se torna elemento de aglutinação, à medida que promove a conexão social, dado que possibilita o compartilhamento de ideias e sentimentos, além de inspirar mudanças, não somente no campo da arte, mas também em contextos sociais e legais. A música para os Racionais MC's se localiza como meio de resistência e crítica ao Estado brasileiro, tal como o Estado possui o poder de financiar e apoiar a música como parte da cultura nacional, dessa forma, reconhecendo seu papel na construção de identidades e na coesão social, visto que:

As massas populares são portadoras de cultura, elas são a fonte de cultura e, ao mesmo tempo, a única entidade verdadeiramente capaz de preservar e de criar a cultura, de fazer história (Cabral, [s. d.], *apud* Santiago, 2023).

Em consonância com Bhabha, é no “entre-lugar” onde as identidades se chocam e se reformulam, que a música se torna para o artista um meio de testemunhar o mundo e para o ouvinte uma fonte de assimilação e reflexão da vida, em meio a um processo de disseminação de “informação, autoconhecimento, denúncia e diversão” como afirma Edi Rock na faixa nomeada “Introdução” que inicia o álbum “Raio X do Brasil”, álbum de estúdio primogênito dos Racionais MC's (Oliveira, 2018). Diante disso, no Brasil, após incessantes opressões, a música caracteriza esse local de ressignificações, a iniciar antes mesmo dos Racionais MC's, essa luta mediante a sonorização das cicatrizes deixadas pela pátria em seu próprio povo.

De mais a mais, compreender a música brasileira como expressão cultural popular se torna ponto central para a assimilação desse “entre-lugar” como meio de evocação da memória das cicatrizes angustiantes que marcam a história da nação, com o propósito de que as presentes e futuras gerações conheçam e persistam lutando para subverter a narrativa pedagógica hegemônica que legitima as violências àqueles colocados forçosamente à margem. Portanto, é no “entre-lugar” da nação brasileira, entre a narração do presente e a rememoração do passado, que esse povo heróico logo percebeu que aos filhos deste solo essa pátria não é tão gentil.

⁸ Em seu artigo “Uma metáfora: Música e Direito”, Mônica Sette Lopes, jurista e vice-diretora da Faculdade de Direito e Ciências do Estado da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), correlaciona o Direito e a música enquanto desfrutadores da figura de linguagem da metáfora como artifício de expressão.

3.3 Um Brasil ambivalente, entre a narrativa pedagógica e a performativa

Ambas as figuras analisadas, tanto Carlos Marighella quanto o grupo Racionais MC's sobrepuçaram a estereotipificação predefinida a eles com suas próprias concepções acerca de si e do contexto histórico vivenciado por cada um, de maneira que se negaram a aceitar a simplificação de sua individualidade, resistindo às dinâmicas de controle de seu respectivo tempo. Após sua morte, Marighella ainda foi capaz de reescrever sua representação como um revolucionário e não meramente um bandido ou um rebelde, por intermédio de suas obras escritas e a disseminação da memória de sua pessoa de geração para geração.

Não obstante, o jornalista Mário Magalhães e autor da biografia “Marighella: O guerrilheiro que incendiou o mundo”, que derivou o filme “Marighella”, dirigido por Wagner Moura e lançado no Brasil em 2021, que também obteve como trilha sonora a canção dos Racionais MC's “Mil Faces de Um Homem Leal (Marighella)”, em entrevista ao veículo de comunicação Brasil de Fato, afirmou que “A imensa maioria dos brasileiros não conhece a história de Marighella. Conhecer a própria história é um direito humano, direito dos povos. Para alguns que o conhecem, ele é exemplo. Para outros, incômodo” (Hermanson, 2019). Nesse trecho da entrevista, Magalhães ressalta a contraditoriedade na visão da população sobre Marighella, mas acima de tudo destaca que a maioria não conhece a história do guerrilheiro. Diante do exposto, se abre o questionamento de qual seria a causa e qual o benefício de tal desconhecimento que resulta em lacunas na história do país.

Mesmo após toda essa pluralidade artística que gerou não somente um documentário, mas também um livro, um filme e uma música em volta da vida de Marighella, a fim de rememorar sua história, sua trajetória de resistência segue desconhecida por parte do povo brasileiro, demonstrando que, para que o processo de anamnese histórica dos silenciados e de construção cultural e social da nação seja efetivo, é necessária uma movimentação conjunta e harmônica entre a narrativa política pedagógica e performativa.

Isto é, a luta coletiva contínua pela visibilidade e reivindicação do discurso público demonstram a essencialidade da construção histórica e social de grupos subalternos, dado que as narrativas são ferramentas de difusão de valores e tradições que exercem função fundamental na formação cultural de uma nação, além de moldar como os indivíduos entendem e interagem com o mundo a sua volta. Contudo, para que um processo de reminiscência factual ocorra, deve haver também responsabilidade por parte do Estado de

retirar do oculto as vozes silenciadas e figuras apagadas e difundir pedagogicamente a história da nação por completo, englobando suas entrelinhas.

Em 2018, o álbum “Sobrevivendo no Inferno” dos Racionais MC's integrou a coleção de obras de leitura obrigatória para o vestibular da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) (Pragmatismo Político, 2018), ação que exprime o reconhecimento do quarteto como tradutores da realidade do Brasil. Além disso, os versos do grupo também já foram utilizados no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), sendo sua data mais recente no ano de 2024 com a música “Capítulo 4, Versículo 3” (Cordeiro, 2024).

Mais adiante, no dia 06 de março de 2025, a Unicamp concedeu o título de *Doutor Honoris Causa* ao grupo, como demonstração de validação de sua voz e relevância intelectual (Nunes, 2025). A junção desses fatores ilustra a concepção de Bhabha da utilização da narrativa performativa para reescrever a narrativa pedagógica. Contudo, também se vê a ambivalência do Estado brasileiro ao perceber que, apesar do reconhecimento do grupo e das questões sociais trazidas por eles, a violência, a desigualdade social, entre outras coisas denunciadas em suas canções, continuam como mazelas existentes no país e muitas vezes legitimadas pelo próprio Estado.

Dessarte, Bhabha entende que, na circunstância em que as narrativas dominantes se diferem das verdadeiras vivências dos indivíduos e, portanto, se mostram desconexas entre as identidades e representações sociais, forma-se um processo de confusão de narrativas. Esse processo é gerado, sobretudo, pela sobreposição de histórias e interpretações culturais distintas, de modo que reproduzem ambivalências que influenciam diretamente na formação de identidades não-fixas, porém contraditórias, visto que os seres se veem refletidos em múltiplas e conflitantes narrativas.

Essa desarmonia entre as narrativas e as experiências resulta em um efeito de esvaziamento do conceito de povo, o qual advém da representação rasa que deslegitima as vozes e histórias dos subalternos. Refletindo tanto na perda de significados quanto na desvalorização e redução das identidades coletivas, por meio de estereótipos, dessa maneira, tornando-se um fenômeno que produz e reproduz a desvalorização do povo como seres abundantes de autenticidade.

No entorno de sua obra “O Local da Cultura”, Bhabha (2013) apresenta grande enfoque ao conceito de rememoração, onde ele destaca que a memória não se configura apenas como um simples ato de registro do passado e, sim, um processo ativo que molda a

identidade cultural de uma nação. Segundo ele, é por meio da rememoração que as comunidades são capazes de reconhecer e reinterpretar suas experiências, de maneira que criam um espaço de (re)negociação de significados. Ademais, as percepções de Homi Bhabha, Wilberth Salgueiro e Márcio Seligmann-Silva ecoam com consonância no que se refere à caracterização da memória como um elemento aglutinador de um povo em torno de experiências compartilhadas que pode tornar-se ferramenta de reivindicação de direitos.

Por fim, Bhabha desenvolve que a memória detém a capacidade de desafiar as narrativas históricas lineares, dado que, ao explorar as lacunas e ausências nas narrativas históricas, os indivíduos podem construir novas narrativas e desafiar as versões dominantes, reivindicando suas vozes e histórias. Além disso, esse lapso histórico nas narrativas históricas são responsáveis por impactar o presente por meio da perpetuação de estereótipos e silenciamento de experiências, o que pode resultar na compreensão distorcida da realidade resultando na negação e na falta de reconhecimento das complexidades sociais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analizar essas representações artísticas críticas e criativas sobre a realidade brasileira como instrumentos de rememoração e resistência se torna essencial para que a luta pelo reconhecimento e valorização da arte subalterna seja legitimada pelo Estado. Uma vez que somente a partir da colaboração entre o Estado e a sociedade será possível uma mudança efetiva para além da mera superficialidade.

Portanto, o poder de reinscrição da narrativa performativa sob a narrativa pedagógica apenas terá palpabilidade quando o Estado reconhecer seu encargo quanto à formação de identidades e na coesão social. No decorrer dessa história entre as ambivalências do país, a população, por meio da cultura, exclama sua missão de sobreviver e assume o papel de elucidação das narrativas silenciadas. A arte se torna arma de politização, sensibilização e autoconhecimento sobre o enredo sofredor da nação brasileira.

E é por meio dela que as trajetórias de vida de Carlos Marighella e Racionais MC's se encontram nesse “entre-lugar” que oportuniza a existência de novas e múltiplas significações, além do discurso oficial. Veja-se que há tanto um teor crítico quanto de resistência na não fixidez das identidades, considerando que ela não só permite que os indivíduos sejam multifacetados e se distanciem de uma ideia única e estereotipada de ser, como transtorna os sujeitos permitindo que procedam em discordância com seu contexto histórico-social, onde

“cada favelado é um universo em crise” (Racionais MC's, Da Ponte Pra Cá, 2002), mas também um universo de possibilidades.

É em razão disso que a narrativa performativa se torna primordial para a rememoração, pois ela conduz ao cotidiano dos brasileiros a narrativa anteriormente silenciada. Sendo assim, percebe-se que a arte dos excluídos acompanha a história do Brasil, lado a lado, escrevendo e reescrevendo os acontecimentos a partir da percepção crítica e do olhar criativo daqueles que são todos os dias afetados por ela. Em outras palavras, a arte e, nesse contexto, em especial o rap, é arma, sonho, fé, autoconhecimento, clamor, denúncia, representação, informação, diversão, lição e manancial que sacia e dá sentido à vida de um povo que sobrevive dentre mil faces de um Brasil ambivalente.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alvez de. Ação Libertadora Nacional (ALN). Atlas Histórico do Brasil. **FGV CPDOC**. [S. l.; s. d.]. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbete/5708>. Acesso em: 07 abr. 2025.
- AFONSO, Lucas. Capoeira. **Brasil Escola**. [S. l.; s. d.]. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/educacao-fisica/capoeira.htm>. Acesso em: 23 abr. 2025.
- ANOS de chumbo – de 1969 a 1978. **Memórias da Ditadura**. [S. n.; s. l.; s. d.]. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/anos-de-terror-de-1969-a-1978/>. Acesso em: 11 jun. 2025.
- BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Avila, Eliane Livia Reis, Glauce Gonçalves. 2ª Edição. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2013.
- BÍBLIA Online. **Bíblia Sagrada**. 1 Samuel 17. Nova Versão Internacional. [S. n.; s. l.; s. d.]. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/nvi/1sm/17>. Acesso em: 29 abr. 2025.
- CAPUANO, Amanda. ‘Marighella’, o real e a ficção no polêmico filme de Wagner Moura. **Veja**. [S. l.], 4 de jun. de 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/e-tudo-historia/marighella-o-real-e-a-ficcao-no-polemico-film-e-de-wagner-moura/>. Acesso em: 07 abr. 2025.
- CARLOS Marighella. **Memórias da Ditadura**. [S. n.; s. l.; s. d.]. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/personagens/carlos-marighella/>. Acesso em: 08 jun. 2025.
- CORDEIRO, Mirella. Enem 2024: Game of Thrones, Bob Marley e Racionais MC's têm questões na prova. **CNN Brasil**. [S. l.], 04 nov. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/educacao/enem-2024-game-of-thrones-bob-marley-e-racionais-mcs-tem-questoes-na-prova/>. Acesso em 26 jun. 2025.
- FERREIRA, Mauro. Cinco anos após clipe, Racionais MC's lançam single com música de filme. **G1**. [S. l.], 27 nov. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/musica/blog/mauro-ferreira/post/cinco-anos-apos-clipe-racionais-mcs-lancam-single-com-musica-de-filme.html>. Acesso em: 01 de abr. 2025.
- GALEANO, Giovana Barbieri; SOUZA, Francisca Magalhães de; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. Violência estatal no Brasil: ininterrupta, deliberada e letal. **Rev. Polis Psique**. Porto Alegre, v. 11, n. spe, p. 112-137, 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2021000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 21 nov. 2024.
- GUMIERI, Julia. Alameda Casa Branca. **Memorial da Resistência de São Paulo**. [S. l.; s. d.]. Disponível em: <https://memorialdaresistenciasp.org.br/lugares/alameda-casa-branca/>. Acesso em: 29 abr. 2025.

HERMANSON, Marcos; LEMOS, Mariana. “Marighella foi essencialmente um homem de ação”, diz biógrafo Mário Magalhães. **Brasil de Fato**. São Paulo, 04 nov. 2019. Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2019/11/04/marighella-foi-essencialmente-um-homem-de-acao-diz-biografo-mario-magalhaes/#:~:text=A%20imensa%20maioria%20dos%20brasileiros,Para%20outros%2C%20inc%C3%B4modo>. Acesso em: 23 jun. 2025.

INTRODUÇÃO. Intérprete: Racionais MC's. Compositor: Edi Rock. In: Raio X do Brasil. Intérprete: Racionais MC's. São Paulo: Cosa Nostra, 1993. Formato digital, Álbum, Faixa 1, (0:36).

LOPES, Mônica Sette. A Metaphor: Music and Law. **II Conferência Brasil-Itália**. [S. l.], 21 ago. 2017. Disponível em:

<https://www.direito.ufmg.br/revista/index.php/revista/article/view/1833>. Acesso em: 25 jun. 2025.

MAGALHÃES. Mário. Há 44 anos, Carlos Marighella era assassinado por agentes da ditadura. Blog do Mário Magalhães. **Uol Notícias**. [S. l.], 04 nov. 2013. Disponível em: <https://blogdomariomagalhaes.blogosfera.uol.com.br/2013/11/04/ha-44-anos-carlos-marighella-era-assassinado-por-agentes-da-ditadura/>. Acesso em: 29 abr. 2025.

MAGALHÃES, Mário. Marighella: dois poemas inéditos. Blog do Mário Magalhães. **Uol Notícias**. [S. l.], 01 nov. 2014. Disponível em:

<https://blogdomariomagalhaes.blogosfera.uol.com.br/2014/11/01/marighella-dois-poemas-ineditos/>. Acesso em: 29 abr. 2025.

MAGALHÃES, Mário. **Marighella**: o guerrilheiro que incendiou o mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

MARIGHELLA. Direção: Isa Grinspum Ferraz. Produção: Pablo Torrecillas. Roteiro: Isa Grinspum. [S. l.]: TC Filmes, Texto e Imagem, 2012. 1 vídeo (96 min.), son. color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1cbe8G4G-g>. Acesso em: 29 abr. 2025.

MARIGHELLA. Direção: Wagner Moura. Produção: Andrea Barata Ribeiro, Fernando Meirelles, Wagner Moura *et al.* Roteiro: Felipe Braga, Mário Magalhães, Wagner Moura. Argumento: baseado no livro Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo, de Mário Magalhães. Fotografia: Adrian Teijido. Montagem: Lucas Gonzaga. Elenco: Seu Jorge, Bruno Gagliasso, Adriana Esteves, Herson Capri *et al.* Brasil: O2 Filmes, 2021. 1 vídeo (155 min): color., son.

MARIGHELLA, Carlos. **Liberdade**. São Paulo, 1939. Disponível em:

<https://www.marxists.org/portugues/marighella/1939/mes/liberdade.htm>. Acesso em: 07 out. 2024.

MARIGHELLA, Carlos. **Quem Samba Fica, Quem Não Samba Vai Embora**. [S. l.], [dez. 1968]. Transcrição: Fernando A. S. Araújo. Arquivo Marxista na Internet. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marighella/1968/12/samba.htm>. Acesso em: 29 abr. 2025.

MENSAGEM ao Povo Brasileiro – Carlos Marighella. Editorial Adandé. [S. l.], 24 mar. 2024. Disponível em: <https://editorialadande.com/mensagem-marighella/>. Acesso em: 29 abr. 2025.

MIL Faces de um Homem Leal (Marighella). [S. n.; s. l.], 2013. 1 vídeo. (6 min). Disponível em: <https://youtu.be/5Os1zJOALz8>. Acesso em: 18 out. 2024.

MORAES, Dênis de. Marighella e seu outro – Carlos. **A Terra é Redonda**. [S. l.], jan. 2022. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/marighella-e-seu-outro-carlos/>. Acesso em: 07 abr. 2025.

NO Brooklin. Intérprete: Sabotage, Negra Li. Compositor: Meire, Marrom (RZO), Helião, Sabotage. In: Rap é Compromisso (Edição Comemorativa) (2014). Intérprete: Sabotage. São Paulo: Cosa Nostra, 2014. Formato digital, Álbum, Faixa 4, (5:47).

NUNES, Tote. Em dia histórico na Unicamp, Racionais MCs recebem título de Doutor Honoris Causa. **Jornal da Unicamp**. [S. l.], 7 mar. 2025. Disponível em: <https://jornal.unicamp.br/noticias/2025/03/07/em-dia-historico-na-unicamp-racionais-mcs-recebem-titulo-de-doutor-honoris-causa/>. Acesso em: 11 jul. 2025.

O LOCAL Da Cultura Resumo. **Bookey**. [S. n.; s. l.; s. d.]. Disponível em: <https://www.bookey.app/pt/book/o-local-da-cultura>. Acesso em: 04 jun. 2025.

O RÁDIO brasileiro na ditadura. **Memórias da Ditadura**. [S. n.; s. l.; s. d.]. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/o-radio-brasileiro-na-ditadura/>. Acesso em: 26 jun. 2025.

OLIVEIRA, Acauam Silvério de. O evangelho marginal dos Racionais MC's. In: RACIONAIS MC'S. **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 19-37.

PRAGMATISMO POLÍTICO. Racionais MC's vira leitura obrigatória para vestibular da Unicamp. **Pragmatismo Político**, [S. l.], 24 maio 2018. Disponível em: https://www.pragmatismopolitico.com.br/2018/05/racionais-obra-vestibular-da-unicamp.html?utm_source=feedburner&utm_medium=feed&utm_campaign=Feed%3A%20PragmatismoPolitico%20%28Pragmatismo%20Pol%C3%ADtico%29. Acesso em: 26 jun. 2025.

PRA Não Dizer Que Não Falei das Flores. **Memórias da Ditadura**. [S. n.; s. l.; s. d.]. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/cultura/pr-a-nao-dizer-que-nao-falei-das-flores/>. Acesso em: 26 jun. 2025.

RACIONAIS MC's. **Da Ponte Pra Cá**. [S. l.], 27 outubro 2002. Disponível em: <https://genius.com/Racionais-mcs-da-ponte-pra-ca-lyrics>. Acesso em: 16 out. 2025.

RACIONAIS MC's. **Mil Faces de Um Homem Leal**. [S. l.], 23 junho 2012. Disponível em: <https://genius.com/Racionais-mcs-mil-faces-de-um-homem-leal-marighella-lyrics>. Acesso em: 25 nov. 2024.

RACIONAIS: das ruas de São Paulo pro mundo [Documentário]. Direção: Juliana Vicente. Produção executiva: Juliana Vicente, Beatriz Carvalho, Gustavo Maximiliano. Elenco: Ice Blue, KL Jay, Edi Rock, Mano Brown. [S. l.], Netflix, 2022. 1 vídeo (116 min): son., color.

RÊGO, Jefferson Silva do. LÍRICA E TESTEMUNHO EM CARLOS MARIGHELLA. **Revista de Letras Norte@mentos**, [S. l.], v. 16, n. 42, 2023. DOI: 10.30681/rln.v16i42.10814. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/norteamentos/article/view/10814>. Acesso em: 27 set. 2024.

RONDÓ DA LIBERDADE. Carlos Marighella - quem samba fica, quem não samba vai embora [vídeo]. Direção e roteiro: Carlos Pronzato. Produção: Red Editorial. Finalização: NPD – Núcleo de Produção Digital Orlando Vieira. Capa: Ary Almeida Normanha. 2012. Disponível em: <https://youtu.be/KkFozCuVm1M>. Acesso em: 29 abr. 2025.

SALGUEIRO, Wilberth. Trauma e resistência na poesia de testemunho do Brasil contemporâneo. **Moara**. [S. l.], Edição 44, p. 120–139, jul./dez. 2015. ISSN 0104-0944.

SANTIAGO, Andrey. Amílcar Cabral – O Papel da Cultura na Luta pela Independência. **TraduAgindo**. [S. l.], 17 jul. 2023. Disponível em: <https://traduagindo.com/2023/07/17/amilcar-cabral-o-papel-da-cultura-na-luta-pela-independencia/#:~:text=%E2%80%9CPara%20que%20a%20cultura%20desempenhe,com%20vista%20%20ao%20desenvolvimento%20ulterior%2C>. Acesso em: 20 mai. 2024

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Literatura e trauma**. Pro-Posições, Campinas, v. 13, n. 3, p. 135–153, 2002. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2165/39-dossie-silvams.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2025.

SHAMMAS, Victor L. The State as God: on Bourdieu's Political Theology. **Journal of Extreme Anthropology**. Vol. 2, No. 2 (2018): Sovereignty. [S. l.], 2018. Disponível em: <https://journals.uio.no/JEA/article/view/6601>. Acesso em: 11 nov. 2024.

TERCEIRO Mundo. Intérprete: Febem, Fleezus, CESRV. Compositor: Febem e Fleezus. In: BRIME!. Intérprete: Febem, Fleezus CESRV. São Paulo: Ceia Ent., 2020. Formato digital, EP, Faixa 3, (3:36).

TRAMARIM, Eduardo. Período da história do Brasil conhecido como os "anos de chumbo". **Câmara dos Deputados**. Programas da Rádio Câmara. Câmara é História. [S. l.], 28 jan. 2007. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/radio/programas/279778-periodo-da-historia-do-brasil-conhecido-como-os-anos-de-chumbo/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

VEIGA, Edison. Salvador, 475 anos: por que cidade foi escolhida para ser 1ª capital do Brasil. **BBC News Brasil**. Bled, Eslovênia, 28 mar. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/ck5wxkr975jo>. Acesso em: 23 abr. 2025.

21 PERSONALIDADES negras importantes que marcaram a história. **Ebiografia.** [S. n.; s. l.; s. d.]. Disponível em: https://www.ebiografia.com/biografia_personalidades_negras_importantes_historia/. Acesso em: 3 jul. 2025.